



**Reminiscências da tradição em
A vida inútil de José Homem, de Marlene Ferraz**

***Shadows of the Past in Marlene Ferraz's A vida inútil de
José Homem***

Valentina Figuera Martínez

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brasil

valentinamartinez@estudante.ufscar.br

<http://orcid.org/0000-0002-9483-1205>

Resumo: Este artigo discute alguns dos vestígios da tradição na literatura contemporânea, partindo das considerações de Giorgio Agamben (2009), bem como da influência de estilos, reminiscências de escritores do cânone e da multiplicidade de experiências que se manifestam na produção do texto literário contemporâneo (CALVINO, 2002), procurando observar as incidências de obras canônicas, referencialidades intertextuais e autores convocados em *A vida inútil de José Homem* (2013), de Marlene Ferraz. Pretende-se mostrar a presença e o sentido da tradição no romance, a construção de códigos renovados com uma visão pluralista e multifacetada do mundo e a harmonia textual entre a história contada e os escritores convocados que busca propor um novo referente estético para olhar a contemporaneidade.

Palavras-chave: tradição; romance português contemporâneo; Marlene Ferraz.

Abstract: This article discusses traces of the past in contemporary literature, considering the work of Giorgio Agamben (2009) and Ítalo Calvino (2002), to present the influence of styles, vestiges of canonical writers and the multiplicity of experiences in contemporary literature,

showing the incidence of canonical works, intertextual references and authors used in Marlene Ferraz's *A vida inútil de José Homem* (2013). The importance and sense of the tradition in the novel, the construction of renewed codes with a plural and multifaceted world vision, as well as a textual harmony among the story told and the writers evoked to propose new esthetic references will be discussed as a means to analyze contemporary issues.

Keywords: tradition; contemporary Portuguese novel; Marlene Ferraz.

“(...) a palavra precursor é indispensável, mas seria preciso purificá-la de toda conotação de polémica ou rivalidade. O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado assim como há de modificar o futuro.” (JORGE LUIS BORGES In: Kafka y sus precursores).

O romance português contemporâneo tem evoluído da contestação da concepção realista que prevaleceu entre as décadas de 1950-1970, período que inaugurou uma quebra das categorias clássicas romanescas, para a incorporação de novas formas estéticas, a constituição de um novo realismo e a desconstrução narrativa que dominou a produção literária a partir da década de 1980, tendência que prevalece ainda hoje.

As transformações sociais e políticas em Portugal impactaram não apenas o desenvolvimento do país, mas também a evolução do romance português, que passou da obediência escrita a preceitos literários, temáticos e estéticos característicos do Neorrealismo português, predominantes durante a ditadura do Estado Novo de Oliveira Salazar (1933-1974), para a desconstrução das categorias clássicas do romance com a lenta, mas progressiva quebra das instituições sociais salazaristas, a posterior agonia do Império, a guerra de libertação do colonialismo, a criação de partidos políticos e o estabelecimento de garantias mínimas de respeito aos direitos humanos. Essas transformações, embora ocorreram em processos distintos sobrepostos, impactaram com pontos de contato direto o cenário social e cultural no país e, é claro, progressivamente a configuração da literatura portuguesa contemporânea.

Uma vez estabelecida a ordem social pós-Revolução dos Cravos, em 1974, consolidando um regime democrático e liberal com a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, a perspectiva realista do romance retorna, segundo aponta Miguel Real, integrando “um novo realismo, o realismo perspectivístico, fragmentário e cosmopolita” (REAL, 2012, p. 18) que rompe com as categorias clássicas romanescas. Trata-se de um novo realismo em um contexto contemporâneo – que ultrapassou o modernismo e o neorealismo ao longo do século XX – que se consolidou pós-Revolução e que mescla conceitos estéticos desde a forma, a linguagem, a focalização até os temas. Inicia a era da reprodução no texto literário de um léxico quotidiano fortemente jornalístico, bem como de narrativas descentradas e polifônicas na história do romance português.

“Na primeira década do século XXI, o romance tornou-se cosmopolita, eminentemente urbano, dirigido a um leitor global, explorando temas de caráter universal, centrado em espaços geográficos exteriores à realidade nacional” (REAL, 2012, p. 22). Aquele romance historiográfico fortemente restrito ao considerado realismo clássico ficou atrás abrindo espaço para uma ficção mais fragmentada, polifônica e cosmopolita, com narrativas labirínticas e descentradas, como é o caso de *Campo de sangue* (2002), de Dulce Maria Cardoso; *Jerusalém* (2004), de Gonçalo M. Tavares; *Que importa a fúria do mar* (2013), de Ana Margarida de Carvalho; *Se eu fosse chão* (2016), de Nuno Camarneiro; e *Pão de Açúcar* (2018), de Afonso Reis Cabral.

Essa transformação do romance português contemporâneo de estilo erudito, focalizado na realidade social, psicológica e histórica de Portugal (aliás, com raríssimas traduções), dinamizou a produção das gerações posteriores colocando a ficção portuguesa contemporânea na cena literária mundial no âmbito de uma sociedade plural e globalizada. A novidade literária presente nas obras dos autores que se iniciaram no romance a partir da década de 2000, aponta Miguel Real (2012, p. 176), reside na existência de uma ampla pluralidade de gêneros, temas, estilos, que, desprovidos de uma unidade interna, consistente por si, só podem ser agrupados segundo um conceito externo, de todos aglutinador e reiterado: o *cosmopolitismo*. “Para esta novíssima geração literária, não só não há temas tabus como tudo vale literariamente – todas as ideias, todas as histórias, todos os factos – desde que resulte num texto esteticamente belo” (REAL, 2012, p. 176). O novo romance

surge, então, com novidades enquanto invenção da escrita, referências culturais e históricas evocadas, imaginário dramático criado, linguagem poética, diversidade temática, entre outros elementos que evidenciam o caráter descentrado tanto de conteúdos quanto de experimentalismo formal.

Porém, entre o centro (entendido como as obras consolidadas na literatura portuguesa ao longo da história) e a recém-formada ficção contemporânea, existe também uma tendência por rememorar formas passadas com uma técnica narrativa e mediações estéticas renovadas, abrindo as fronteiras do horizonte literário. Nesse sentido, este artigo articula reflexões sobre as reminiscências do passado na literatura contemporânea, bem como a multiplicidade de experiências, informações e estilos de outros escritores que reverberam em obras do presente, para mostrar alguns dos vestígios da tradição literária presentes no romance *A vida inútil de José Homem* (2013), de Marlene Ferraz.

A tradição já não é mais considerada um obstáculo ou parâmetro para criar, já não precisa ser superada, mas convive com o romance contemporâneo como uma herança inalienável que serve de fonte ou referencial para olhar a contemporaneidade.

Busca-se, nesse artigo, documentar, algumas das referências intertextuais arcaicas que a romancista utiliza, a partir das reflexões de Giorgio Agamben (2009), Ítalo Calvino (2002) e Isabel Cristina Rodrigues (2012), para construir uma narrativa que lê o tempo presente desde uma perspectiva plural e multifacetada.

Considerada uma das “vozes revelação” da literatura portuguesa contemporânea, Marlene Ferraz nasceu em Darque, norte de Portugal, em 1979. Viveu a sua infância numa aldeia rural, entre casas sem luxo, nem livros, a natureza e a crueza que se podiam apalpar no cenário rural, memórias que se refletem na escrita da autora. Psicóloga clínica no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Ferraz iniciou a sua carreira literária escrevendo contos e em 2013 estreia no gênero romance com *A vida inútil de José Homem*. Tem oito obras publicadas, *Benedito Homem* (2007, *101 Noites*), conto publicado na coletânea *Jovens Criadores* e merecedor do Prémio Afonso Duarte; *Sete Palmos de Terra* (2007, CM Montemor-o-Velho), também distinguido com Prémio Afonso Duarte; o conto infantil *O Princípio de Todas as Coisas* (2008, Arca das Letras), Prémio Matilde Rosa Araújo; *O Amargo das Laranjas* (2009,

CM Horta), Prémio Florêncio Terra; *Na Terra dos Homens* (2009, Almedina), Prémio Literário Miguel Torga; *O Tempo do Senhor Blum e outros contos*, (2013, CM Montemor-o-Velho), Prémio Afonso Duarte; *A Vida Inútil de José Homem* (2013, Gradiva), Prémio Agustina Bessa-Luís; e *As Falsas Memórias de Manoel Luz* (2017, Minotauro), um dos cinco finalistas do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Em 2019 lançou o conto infantil *O Elefante com o Coração na Lua*, publicado pela editora Minotauro.

A autora se declara num ‘não-lugar’ com respeito ao gênero que escreve, “não conseguiria dizer se me sinto mais em casa na poesia ou no conto (...) aquilo que me encanta é o verbo contar” (FERRAZ, 2017, informação verbal)”. As temáticas exploradas nos livros de Ferraz perpassam pela vulnerabilidade da vida humana, o sofrimento e a crueza da humanidade por meio de um processo de escrita não metódica e aleatória que tem uma função emocional: “é falar de mim sem falar de mim” (FERRAZ, 2017, informação verbal).

Os seus livros estão cheios de personagens masculinos e a presença de mulheres em papéis centrais é reduzida, o que se reflete inclusive nos títulos dos livros: Manoel Luz, José Homem, Senhor Blum. Rodeada pela desigualdade de gênero num ambiente rural português da década de 1980, a autora não admira que a sua escrita seja mais voltada para descrever o universo masculino. “A vida das raparigas era muito mais condicionada e eu sempre me obriguei a verme como uma rapariga-rapaz. Foi um risco que eu, mesmo menina, tinha consciência que teria de correr”, mas hoje entende que “não era rapaz o que queria ser, era ter a coragem de ser, simplesmente, sem olhar a gênero” (FERRAZ, 2018, *apud*. RODRIGUES).

A Vida Inútil de José Homem é um romance escrito com uma destacada desenvoltura narrativa onde as palavras se refugiam na poesia para contar uma história de vida no antagonismo com a morte. O romance retrata a vida de José Homem, filho de um coronel autoritário e duma mãe extravagante e desligada, que se vê obrigado a relacionar-se com Antonino, menino órfão mutilado pela guerra de Angola, por meio do padre Delfim, o confidente e aliado de José.

Homem solitário, ateu e descrente do mundo, José carrega o abandono dos pais e outras feridas da meninez como um peso que traz o sentimento de perda como elemento catalisador do enredo: aos 15 anos perde Dolores, empregada doméstica que cuidava dele –

a única referência maternal na vida de José –, encarou o suicídio do seu pai aos 14 anos, a posterior morte da sua mãe anos depois, e a perda da dançarina Carmela, o “imprudente amor” de José. Por sua vez, Antonino, refugiado angolano em Portugal, perde a sua pátria, a sua família e carrega o peso da guerra no corpo com uma perna mutilada por uma das mais de 10 milhões de minas terrestres¹ plantadas durante a guerra em Angola.

Composto por noventa e nove capítulos, o romance apresenta uma narração descontínua que mistura passado e presente, o uso de discurso indireto e discurso indireto livre destacado por marcações gráficas em itálico que distinguem as vozes das personagens. Destaca-se o fragmentarismo como forma plural de composição textual, afirmando um conjunto estético descentrado, com um narrador de focalização interna que assume as percepções das personagens. Esse vai e vem temporal demanda um leitor atento, coloca questões em aberto, rompe com a ideia de conexão no texto e realça a descontinuidade, como se evidência no trecho a seguir:

O plano de se desfazer da sua herdança tem ocorrido como esperado, morrer sem cordas nem arames. *A vida é o bem mais inútil.* É verdade que as idas a Lisboa começaram por uma outra vontade: saber da rapariga dançarina dos tempos de rapaz militar. Ela, um punhado de anos acima, bem curvada nos vestidos justos e reluzentes e cabelo curto com flores de cristais e lantejoulas. Os lábios pintados dum vermelho-vivo e o tacão fino a levantá-la do chão. Toc-toc. Toc-toc. Um pássaro, também. Mas nunca bateu à porta do botequim. Onde a viu pela primeira vez dançar, com as pernas nuas e um colar de pérolas a cair-lhe no decote quase tão precipitado como vulgar. Para os outros militares, apenas mais uma rapariga despida a compor a sua vida. Para José, filho do grande coronel Homem, tornou-se o mais próximo daquilo a que

¹ Para mais informação ver “Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências”, de Antônio Carlos Matias da Silva, disponível em: www.scielo.br/pdf/cint/v33n2/a09v33n2.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.

podemos chamar imprudente amor. Esperou-a algumas vezes na rua. Via-a entrar no táxi, de cada vez com um homem diferente. Ria-se alto, mas sem embaraços. Uma rapariga aparentemente autêntica, muito mais autêntica do que ele poderia ser. Ainda criança, já o coronel tinha reservado o seu lugar na academia militar. Mesmo depois do pai morto, José sentiu-se obrigado a alistar-se, a fazer o juramento e cumprir na medida do possível (FERRAZ, 2013, p. 42).

Em um devaneio temporal de acontecimentos, se mistura um episódio da dançarina, com um monólogo interior e com acontecimentos da infância e adultidade de José Homem, evidenciando uma fratura nas categorias de tempo e espaço. Evidencia-se a dicotomia de manter uma experiência de vida escura, inútil, sem nenhum tipo de norte, com a fugaz possibilidade de encontrar um sentido inspirador para superar os desafios de viver, característica que convoca a um público mais universal e posiciona o “racionalismo abstrato” ao qual Real (REAL, 2012, p. 23) se refere, destinado a um leitor global. As temáticas da guerra de libertação do colonialismo em Angola, o racismo e os vestígios da ditadura salazarista que perpassam o romance convivem com temas de caráter mais universal abrindo possibilidades de conquistar espaços exteriores.

1 Uma tradição cristalizada em palavras

A narrativa de Marlene Ferraz opera num umbral entre a inovação e a tradição, invocando obras, imagens e intertextos da literatura canônica ocidental que funcionam como referentes para entender a sua escrita atual. Esse *entre-deux*, termo usado por Isabel Cristina Rodrigues (2014) para descrever este fenômeno na literatura portuguesa contemporânea, permite ler obras como *A vida inútil de José Homem* desde a complexidade de ser um *work in progress* que, no entanto, precisa inovar em um mundo repleto de conteúdos circulantes, onde o verdadeiramente revolucionário parecer ser mais o como vai ser contada a história do que a própria história. Nesse sentido, o espírito do contemporâneo se mistura com um passado ressignificado, não

determinista, mas aberto às mediações estéticas de ordem linguística e sócio-simbólica, apresentando formas narrativas renovadas que olham e refletem sobre a experiência presente desde múltiplas perspectivas.

Para Giorgio Agamben (2009, p. 59) a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, se adere a este e ao mesmo tempo se distancia, mantendo fixo o olhar na época. Com uma metáfora sobre a dualidade luz-obscuridade, o autor explica a necessidade de enxergar o tempo presente com distanciamento para descobrir e interpelar a “íntima obscuridade” da época, isto é, questionar as certezas do tempo e perceber que entre as luzes existem sombras que permitem ajudar a entender criticamente as complexidades do tempo. “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62), e esse processo de perceber o escuro deve ser desenvolvido não de forma inerte ou passiva, segundo defende, mas neutralizando o evidente, as certezas que provêm da época, para descobrir a sombra nas luzes, aqueles elementos que só podem ser percebidos desde a distância crítica numa relação de anacronismo e dissociação com a época. Se pensarmos no tempo presente como um mar de pontos de vista não arbitrários, ou, em palavras de Douwe Fokkema, “uma rejeição de hierarquias discriminadoras” (1988, p. 66), é possível entender que uma multiplicidade de percepções da realidade hoje coexiste e transforma visões do mundo consideradas autênticas no passado.

A especial relação com o passado, elemento que perpassa a obra de Marlene Ferraz, é outro dos aspectos destacado por Agamben sobre o contemporâneo. Perceber os traços do passado permite entender o presente como um mosaico de subjetividades que se nutrem de formas arcaicas que passam a ser resignificadas, dando atenção ao não vivido como musa para criar o novo. “A contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno recente os índices e assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo” (AGAMBEN, 2009, p. 69). Perceber e rememorar o passado a partir de uma postura distanciada não é apenas uma qualidade para ser contemporâneo, mas uma condição fundamental para questionar o presente, não repetir as ruínas do passado e abrir novas possibilidades de criação.

Uma das primeiras frases com a qual o leitor se depara em *A vida inútil de José Homem* é um provérbio em latim, atribuído a Publio

Siro, escritor latino da Roma antiga. A nota preliminar, *Ad poenitendum properat, cito qui judicat* (Quem julga com pressa, depressa se arrepende), seguida de “Delfim fechou o livro e benzeu-se” (FERRAZ, 2013, p. 11) anuncia que o livro dialogará com a tradição clássica ocidental e com um dilema recorrente para esta tradição: o mistério da criação e a possibilidade de compreendê-lo. Essa intervenção do narrador inaugura a noção de vulnerabilidade e imperfeição humana que transita por todo o livro. A personagem de José, que crucifica Antonino logo no início do romance com um “*Malditos pretos*”, é aquele que julga inicialmente na história e passa a redimir-se através do amor e da compaixão, expondo não apenas uma vulnerabilidade humana, mas também o racismo e o preconceito da sociedade portuguesa, por meio de alegorias religiosas. José, que julgou com pressa ao Antonino, asfixiou os seus demônios e se arrependeu do trato depreciativo que inicialmente dava ao órfão e essa nota preliminar anuncia essa circularidade da história. Usando os mesmos códigos morais e religiosos da sociedade conservadora, a autora problematiza que os sujeitos mais vulneráveis acabam transformando aqueles considerados em condição de alteridade. Antonino, embora represente uma humanidade mutilada, também se constitui como uma espécie de “limo da terra”, nos termos expostos por Achille Mbembe (2014).

(...) a par da maldição a que a sua vida [do Negro] está destinada e da possibilidade de insurreição radical que, contudo, transporta e que nunca consegue ficar totalmente aniquilada, pelos dispositivos de submissão, ele representa também uma espécie de limo da terra, no ponto de confluência de uma multiplicidade de semi-mundos produzidos pela dupla violência de raça e do capital (MBEMBE, 2014, p. 72).

A tradicional lógica da “raça” presente na consciência contemporânea é colocada em xeque com a figura de Antonino, personagem que se constitui como gênese da essencialidade humana e reflete uma profunda contradição entre o “submisso para lá da submissão” (como aponta Mbembe), e o sujeito racista que alimenta estruturas de ódio, mas que acaba sendo transformado pela própria humanidade subalterna.

A nota preliminar supracitada remete também ao *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa – obra que marcou profundamente a autora desde a infância –, que inicia com a expressão em latim *Benedictus dominus deus noster qui dedit nobis signum*, cuja tradução literal é “Bendito o Senhor nosso Deus, que nos deu o sinal”, mas Pessoa traduziu como “Bendito seja Deus nosso Senhor, que nos deu o Verbo!”. Pessoa, citado várias vezes nuns dos últimos livros da autora, *As Falsas Memórias de Manoel Luz* (2018), forma parte do universo de “encontros” literários de Ferraz. Foi com o *Livro do Desassossego* que despertou para escrever os primeiros poemas e com *Memorial do convento*, de José Saramago, leitura obrigatória na escola, que se enamora da escrita.

Iréne Némirovsky, Franz Kafka, Tolstói, Tchékhov, Dostoiévski, Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Truman Capote, Gonzalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe, Herberto Helder e, mais recentemente, Mia Couto, Herta Muller, e Han Kang são outros dos autores que se tornam referenciais importantes para Ferraz. Escritores canônicos penetram o quadro de valores e subjetividades da autora para construir narrativas renovadas que permitam entender o sentido da história, problematizar a sociedade e abrir os relatos como válvula de escape perante as ruínas passadas, tencionando a dualidade do “aquilo que foi” e “aquilo que será”.

Em outras palavras, [o cânone] não se institui para recuperar um passado, mas para ajudar a constituir e justificar um presente. A eleição do corpus sobre o qual operar; o estabelecimento dos critérios que fizessem coerente a inclusão/exclusão de obras e autores, bem como a periodização e taxonomização do material não responderia, em consequência, à existência de uma verdade exterior comprovável, mas à vontade de construir um referente à medida, capaz de justificar a maneira de viver e de pensar o mundo pela sociedade atual, a qual seria coberta com o argumento da sua autoridade (TALENS, 1989, p. 107, tradução nossa).

A recuperação de obras do passado se apresenta no romance de Ferraz como dispositivo de construção de uma subjetividade renovada;

o passado reverberado permite compreender o presente (a dor, as ausências, as carências, o preconceito e o racismo, traços psicológicos presentes na configuração dos personagens) e opera textualmente como forma de problematizar desafios humanos persistentes na sociedade atual. A personagem de José Homem é um livreiro que herda uma enorme biblioteca do pai, da qual vai se desfazendo aos poucos vendendo as obras em sebos em Lisboa, como uma forma de desprender-se do seu passado de dor. Antonino, inicialmente rejeitado por José, entra na vida do coronel de uma forma muito significativa, mostrando-lhe a possibilidade de redenção através da humildade, simplicidade e compaixão. Entre conversas, Antonino e Homem empacotam e organizam livros para serem vendidos, portanto, o leitor se depara com a imagem de grandes estantes cheias de livros em uma casa corroída pelo tempo. Uma das obras que Homem compartilha com Antonino é *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, uma reminiscência que evoca inquietações estético-literárias da tradição. Essa referência resulta significativa na construção da personagem de Antonino como o sujeito “subalterno”, considerando o papel que representa a baleia no livro que, sendo ferida várias vezes por baleeiros, consegue se defender e destruí-los.

O velho retira um livro grosso de uma estante, sem qualquer dúvida sobre o posicionamento que ocupa naquele alinhamento de lombadas. Sopra o pó da capa, passa a palma da mão com brandura e estende-o aos braços do rapaz.

Sobre uma baleia.

O rapaz desnivela-se ao sentir o peso das folhas (FERRAZ, 2013, p. 35).

Ferido pela guerra, Antonino consegue desconstruir com pureza e ingenuidade o preconceito e a discriminação que José levava nas costas. Mesmo sendo desenhado como um sujeito “subalterno”, ele traz leveza para o peso de Homem, no sentido proposto por Ítalo Calvino (2002, p. 15-41), quando rompe com concepções e permite que o coronel olhe as suas vulnerabilidades, perceba a sua dor e abra a sua história para trazer novas memórias e vontades.

Outra reminiscência da tradição na obra de Ferraz é um trecho do poema “Gaivota”, de Alexandre O’Neill, que aparece na voz da Dolores

quando Antonino se refugia na cuidadora após a mãe bêbada ter gritado e quase atirado um copo nele: “*Deixa-me em paz, fedelho*. Ia a correr para o corpo gordo de Dolores, que ainda cantava. “Se uma gaivota viesse trazer-me os céus de Lisboa” (FERRAZ, 2013, p. 72). Levado a fado na voz de Amélia Rodrigues, “Gaivota” surge como uma recordação externa sobre a possibilidade de encontrar abrigo no referente mais próximo de amor e proteção de José. As ausências e o abandono dos pais na vida do coronel são elementos catalizadores no enredo e problematizam a vulnerabilidade do homem contemporâneo e os múltiplos caminhos para encarar esses desafios. A conjunção subordinativa “Se” abre uma esperança condicionada à possibilidade de que exista alguém ou algo que permita chegar à redenção: José, com mágoas da meninez, se abriga em Dolores em busca do “céu de Lisboa”, aquela a imagem sublime de beleza e estabilidade que nunca teve na infância.

Estes intertextos relacionam-se de maneira integrativa com a tradição em “uma distensão absolutamente inclusiva de nomes e de autores implícita ou explicitamente convocados no solo palpável da escrita, fundindo-se assim, na obra de cada um deles, o passado e o presente numa espécie de corpo textual único” (RODRIGUES, 2014, p. 109). Existe no romance uma harmonia textual entre a história contada e os escritores convocados que busca propor um novo referente estético para olhar a contemporaneidade. A tradição e a inovação na narrativa portuguesa contemporânea, segundo enfatiza Rodrigues, confluem no espaço concreto da textualidade gerando fluxos comunicantes que estabelecem uma “multimoda harmonia convivial” (RODRIGUES, 2014, p. 108). Essa relação ocorre em *A vida inútil de José Homem*: Ferraz se apropria de textos da tradição, dando novos significados aos trechos convocados, e mostrando que o já escrito pertence também à contemporaneidade de uma forma renovada.

Outro dos autores convocados são os poetas e líderes da luta pela libertação de Angola Agostinho Neto e Viriato da Cruz, visando construir um referente estético-literário sobre a inquietação identitária de Antonino. Segundo Rodrigues, esta tendência de convocação, observados também nos romances *Que importa a fúria do mar* (2013), de Ana Margarida de Carvalho e *No meu peito não cabem pássaros* (2011), de Nuno Camarneiro, apresenta sintomas mais o menos claros de uma “patologia de orientação automimética” que desloca o objeto da especificidade

histórico-espiritual da nação para o universo do legítimo onde o seu próprio imaginário autoral se reflete (RODRIGUES, 2014, p. 110).

E a vossa educadora?

Falou de poesia.

Que refinado.

O rapaz ri-se da caricatura dele.

E falaram de algum poeta em particular?

Agostinho Neto e Viriato da Cruz.

Claro. Para que não percam as vossas raízes

(FERRAZ, 2013, p. 106).

A inclusão implícita dos nomes de Neto e da Cruz convoca a história de Angola, bem como a necessidade de rememorar, pelo viés literário, a raiz africana e o passado de luta do país. Beber da fonte da traição é um procedimento que dispara não apenas o processo criativo da autora, mas que se repete inclusive nos autores reverberados, construindo um ciclo constante de rememoração que mostra a multiplicidade de relações construídas com obras do passado.

O conhecimento como multiplicidade é um fio que ata a obras maiores tanto do que se vem chamando de modernismo quanto do que se vem chamando de pós-modernismo, um fio que – para além de todos os rótulos – gostaria de ver desenrolando-se ao longo do milênio (CALVINO, 2002, p. 130).

Calvino propõe uma discussão sobre a obra literária como uma grande rede que tende para uma multiplicidade combinada de experiências, informações, leituras e imaginações. Esse tecido de informações próprias e apropriadas que confluem no texto literário constroem códigos renovados numa uma visão pluralista e multifacetada do mundo. “Cada vida é uma enciclopédia, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis” (CALVINO, 2002, p. 138).

Em *A vida inútil de José Homem*, essa rede de encontros literários com a tradição se evidencia com clareza. A escrita poética e erudita do romance se combina com intertextos e autores convocados, dentre

os que destacam dois dos maiores referentes da história da literatura do Ocidente: Pessoa e Kafka (este último destacado entre os pilares estéticos de Ferraz), para dar forma ao mundo atual. “O pós-modernista está convencido de que o contexto social consiste em palavras e que cada novo texto é escrito sobre um texto anterior” (FOKKEMA, 1988, p. 71), por essa razão, a nova ficção contemporânea continua reconfigurando significados cristalizados por meio de formas textuais descentradas para refletir, no caso do romance supracitado, sobre as agruras do tempo histórico e os enigmas da existência humana.

2 Considerações finais

A convocação de autores, utilização de intertextos de poesia e referência a obras da tradição é um procedimento que Marlene Ferraz vem realizando em várias das suas obras. Esse jogo intertextual alimenta de forma significativa a narrativa da autora não só partindo de um ponto de vista referencial, mas também em nível dos processos de significações que reverberam no texto, os quais transcendem o texto original para produzir um referente independente e autônomo dentro do novo corpo textual. Cada palavra opera em uma relação de reciprocidade: não pode negar a sua origem canônica, mas ao mesmo tempo produz significações renovadas dentro de um contexto estético específico. O cânone transcende à literatura contemporânea e esta produz novos sentidos com o texto da tradição convocado.

Quando Agamben se pergunta o que é contemporâneo, aponta para a necessidade de tomar distanciamento crítico, aspecto sem o qual seria difícil interpelar a “íntima obscuridade da época” e estudar uma obra contemporânea desde a multiplicidade de complexidades culturais e sociais, estilos, experiências e informações. *A vida inútil de José Homem* mostra que é possível ler o tempo presente com recursos da tradição, construir uma referencialidade concreta que admite significados diversos, fundir experiências nacionais e internacionais a partir da interlocução semântica com um texto do cânone para produzir novas imagens secretas.

A obra de Ferraz forma parte dessa tendência contemporânea porque o processo de criação emerge como uma necessidade vital que possibilita a leitura do presente sob um olhar íntimo, se apropria

criticamente do passado e documenta o nosso tempo mostrando substância com relação à produção de ficção portuguesa contemporânea. O *entre-dois* ao qual se refere Rodrigues permite constatar que o romance estudado não se limita apenas a um caso isolado, mas é uma tendência discursiva na narrativa portuguesa contemporânea que permite entender o singular parentesco estético-literário que existe nas produções atuais, as significações da referencialidade canônica e a textualidade necessariamente periférica do presente. Aquilo que é genuinamente contemporâneo absorve a tradição e recria imagens renovadas para deixar rastros sólidos no tempo. Em *A vida inútil de José Homem* a romancista devora o velho e constrói o novo com formas fragmentadas deixando marcas na literatura portuguesa contemporânea.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

AGAMBEN, G. O que é o Contemporâneo? *In: O que é o Contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73.

BORGES, J. Kafka y sus precursores. *In: Obras completas 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1984. p. 710-712.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERRAZ, Marlene. Entrevista exclusiva. *Intérpretes: Marlene Ferraz*. Wook, 2017. YouTube (14 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6DOF-Q1ZINs&feature=youtu.be>. Acesso em: 02 ago. 2019.

- FERRAZ, M. *A vida inútil de José Homem*. Lisboa: Gradiva, 2013.
- FOKKEMA, D. *História literária*. Modernismo e pós-modernismo. Tradução de Abel Barros Baptista. Lisboa: Vega, 1988.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- REAL, M. *O romance português contemporâneo: 1950-2010*. Alfragide: Caminho, 2012.
- RODRIGUES, A. Marlene. Levantada do chão. *Público*, 10 maio. 2013. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/05/10/jornal/levantada-do-chao-26475124>. Acesso em: 04 ago. 2019.
- RODRIGUES, A. Marlene. A voz que nos chega do lado Darque da força. *Jornal i*, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/603316/marlene-ferraz-a-voz-que-nos-chega-do-lado-darque-da-forca?seccao=Mais>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- RODRIGUES, I. C. Entre-dois: tradição e inovação na narrativa portuguesa contemporânea. *Guavira Letras*, Três Lagoas, n. 18, p. 108-123, jan. 2014. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/21>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- STONE, J. *Latin for the Illiterati: A Modern Guide to an Ancient Language*. Nova York: Routledge, 2009.
- TÁLENS, J. De la publicidad como fuente historiográfica: la generación poética española de 1970. *Revista de Occidente*, n. 101, p. 107-127, 1989. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=21447>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Data de recebimento: 01/02/2021

Data de aprovação: 28/04/2021